

Malan vira o preferido do presidente

Fernando Henrique teria confidenciado a amigos que tem restrições a Serra, Covas e Tasso

EUGÊNIA LOPES
e SÍLVIA FÁRIA

BRASÍLIA – O lançamento de nomes do PSDB à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso acabou embaralhando o processo eleitoral de 2002 antecipadamente. A dois anos das eleições, três tucanos “presidenciaíveis” – os governadores de São Paulo, Mário Covas, e do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Saúde, José Serra – deflagaram um debate considerado prematuro pelos aliados do Palácio do Planalto. Segundo assessores, Fernando Henrique teria restrições aos nomes dos três “presidenciaíveis”. Ele tem confidenciado a amigos que tem preferência pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Nessas conversas, Fernando Henrique tem dito que Malan teria o perfil ideal para sucedê-lo. O ministro não é político tradicional, não é filiado a nenhum partido, nunca foi envolvido em qualquer tipo de denúncia nos quase oito anos que ocupa cargos importantes no governo e, ao contrário dos demais “presidenciaíveis”, não se envolve em intrigas.

Quanto a Covas, Tasso e Serra, Fernando Henrique, segundo assessores, avalia que nenhum representa a continuidade completa do seu trabalho, que se notabilizou pela estabilidade econômica. Mas o presidente está decidido a

agir com cautela. Espera que, de hoje até o fim de 2001, consiga recuperar os índices de popularidade de seu governo para só então definir quem será o candidato. “O presidente quer influir no processo sucessório, mas precisa ter um candidato forte que consiga aglutinar forças e manter a aliança”, resume um ministro tucano.

Aliados do Planalto avaliam que Fernando Henrique teria dificuldade para governar se optasse por um candidato com tanta antecedência. Poria em risco a aliança entre PSDB, PMDB e PFL, base da sustentação do governo. O presidente analisa que a parceria com pefelistas e peemedebistas é essencial para eleger seu sucessor. Ele também não está disposto a escolher logo um candidato, cedendo aos apelos da parte do PSDB que teme a migração de tucanos e peemedebistas para a candidatura de Ciro Gomes, do PPS, hoje com cerca de 20% nas pesquisas.

A antecipação do anúncio do candidato à sucessão de Fernando Henrique é defendida pelo ministro da Educação, Paulo Renato Souza, e pelo líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG). O deputado está certo de que a definição imediata de quem disputará a eleição de 2002 facilitará sua eleição à presidência da Câmara. “A estratégia do Aécio é pessoal; já o Paulo Renato está fazendo isso porque é um péssimo operador político e não entende de nada”, critica um tucano.

A maior parte do tucanato acha prematura a discussão. Assim como o presidente, quer esperar a consolidação do aumento da popularidade do governo para, aí sim, posicionar-se diante dos peemedebistas e pefelistas como partido ideal para encabeçar a aliança para a eleição. “A aliança existirá diante da realidade de 2002”, diz o deputado Jutahy Magalhães (PSDB-BA), da executiva nacional do partido. “E se o PSDB tiver um candidato forte, a aliança será reeditada.”

Para assessores do Planalto, as chances do PMDB e do PFL caminharão juntos com o PSDB

na eleição presidencial são grandes. Avalia-se que, ao contrário dos tucanos, os dois partidos não têm nomes fortes para disputar a Presidência.

Em contrapartida, sem o PFL e o PMDB, as dificuldades para o PSDB eleger o

futuro presidente são maiores. “Nenhum tucano se elege sem a aliança”, afirma o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), em conversas reservadas com aliados.

Apesar de serem partidários da tese de que ainda é cedo para definir nomes, os três “presidenciaíveis” do PSDB vêm se comportando como candidatos. Tasso, que estava afastado do partido e vinha criticando o governo, iniciou um movimento de aproximação da cúpula tucana e já se posicionou como candidato à sucessão de Fernando Henrique.

Serra tenta capitalizar ao máximo seu trabalho no Ministério da Saúde, de olho na sucessão ao governo de São Paulo, sua opção preferencial. Não descarta, porém, a hipótese de disputar a Presidência. Covas garante que não será candidato, mas ninguém sabe se não voltará atrás. Ele agiu da mesma forma quando a emenda da reeleição foi aprovada e assegurou que não disputaria o governo de São Paulo de novo.

Apoios – Se Covas estiver fora do páreo, Serra é o que reúne hoje maiores chances de vir a ser o candidato do tucanato. Ele é visto como capaz de conquistar o apoio do PMDB e, talvez, do PFL, que também não tem candidatos competitivos. O nome de Malan, por seu lado, não agrada ao PSDB. “Pode até ser que o Malan venha a ser o candidato, mas só se acontecer um milagre econômico e a economia crescer, pelo menos, 10% ao ano, ninguém ficar desempregado no País e o salário mínimo passar para R\$ 1 mil por mês”, ironiza um tucano.

A preferência do PFL recai sobre Tasso Jereissati. Ao contrário de Serra, ele transita melhor entre os políticos e tem mais chances de manter a aliança atual. Mas, em contrapartida, sua candidatura perde pontos por sua aliança tácita com Ciro, seu parceiro político, que também está no páreo presidencial. O governador do Ceará dificilmente será candidato caso Ciro consiga manter-se no patamar dos 20% na preferência do eleitorado. Avalia-se que Ciro abrirá mão de sua candidatura se Tasso atingir a casa dos 10% nas pesquisas.

MINISTRO
TERIA O PERFIL
IDEAL PARA O
CARGO